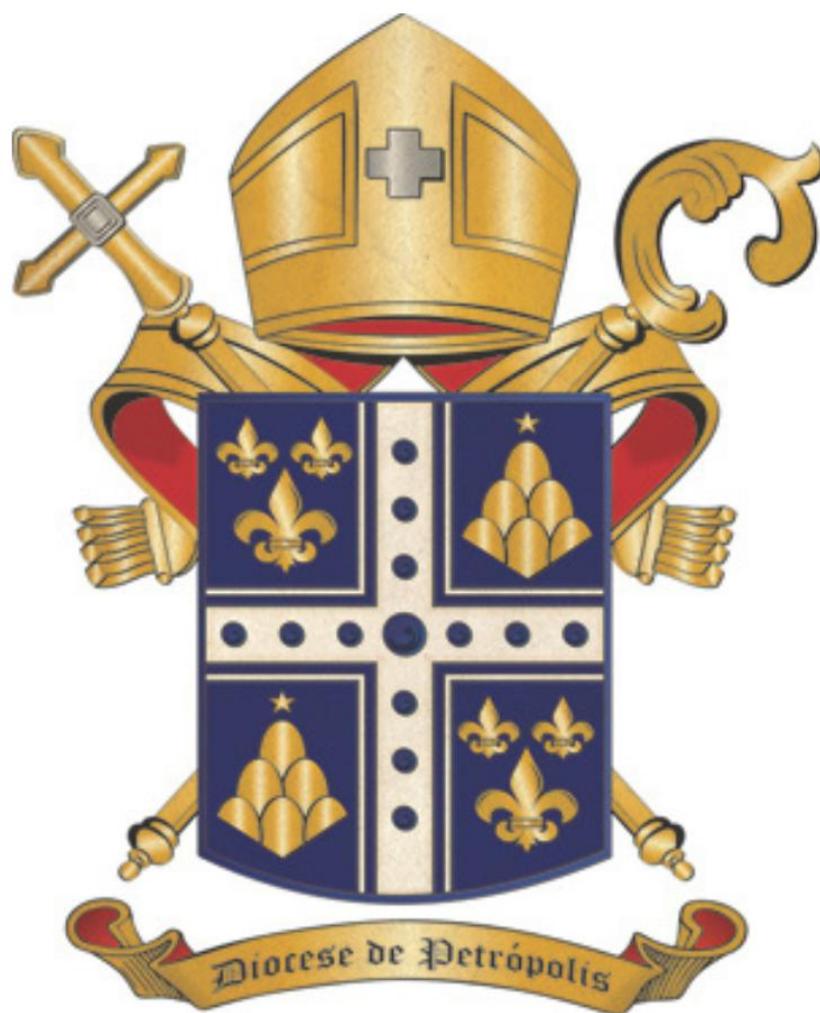


# 80 anos da Diocese de Petrópolis



**Texto Base**

# Gratidão e compromisso

## 80 anos da Diocese de Petrópolis

*Ai de mim se eu não evangelizar (1 Cor 9,16)*

1. Em 2026, mais exatamente no dia 13 de abril, nossa Diocese completará 80 anos de criação. É, como bem sabemos, um tempo para gratidão e compromisso. Gratidão por tudo que, em termos de evangelização, aconteceu nessas oito décadas e compromisso por continuar no mesmo serviço, com o mesmo zelo e um empenho cada vez maior. Gratidão é virtude altamente humana e evangélica (Col 3,15). Se, contudo, ela não vier acompanhada de compromisso, torna-se esvaziada. Por sua vez, compromisso desconectado da gratidão pode levar ao risco de se querer começar do zero, achando que nada foi feito antes de nós. Por isso, a melhor forma de agradecermos por uma história da qual fazemos parte é dar a contribuição que nos cabe, no momento em que estamos, do jeito que somos, com os recursos que temos e, acima de tudo, com a fé que nos conduz.

### **Um período de profundas transformações**

2. Para começar, é importante lembrar o que foram essas últimas oito décadas para o mundo e para a Igreja: um período de profundas transformações. Desde meados do século XX até hoje, vivemos mudanças sociais, políticas, culturais, tecnológicas e religiosas que moldaram um novo jeito de viver. E a Igreja, estando no mundo, tem sido impactada por esse processo. Quantas situações novas! Quantos avanços tecnológicos! Para lembrar alguns mais recentes, podemos citar a internet, a inteligência artificial e as redes sociais. Esses e outros avanços transformaram o modo de viver, comunicar e trabalhar. Muitas foram também as transformações nos campos social e cultural, com o surgimento de movimentos pelos direitos civis e muita atividade em favor da justiça social. Por outro lado, o mundo enfrentou o que podemos chamar de efeitos colaterais do uso descontrolado desses avanços, como, por exemplo, a crise ambiental com o risco até mesmo de se afetar o planeta inteiro. Mais recentemente, com lembranças tristes para nós, o mundo enfrentou a pandemia da Covid-19, que mostrou, por exemplo, o lado bom da solidariedade, mas também revelou egoísmo e tantas outras situações em que o ser humano se mostra pecador em alta dose. Nós nos lembramos dos efeitos da pandemia na vida das igrejas. Quanta solidariedade, mas também quanta dificuldade!
3. Olhando a Igreja, é impossível não destacar o Concílio Vaticano II, que, na busca por falar a este mundo, trouxe mudanças que exigiram dos católicos compreensão

e adequação. Dentre essas mudanças, podemos lembrar a renovação litúrgica, maior valorização dos leigos e leigas e o diálogo com outras religiões. O Concílio trouxe também a preocupação com a justiça social e com a paz. Em nosso Continente, aconteceram as conhecidas Conferências Continentais, com o desejo de compreender e aplicar o Vaticano II à realidade local. Tivemos cinco dessas Conferências: Rio de Janeiro (1955, antes do Concílio, portanto), Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). Além disso, ocorreu também uma Assembleia Eclesial no ano de 2021. A diferença entre as cinco Conferências Continentais e a Assembleia Eclesial está no fato de que, nessa última, não apenas bispos tiveram voz e voto.

4. Nesse conjunto de transformações, alguns detalhes são importantes e devemos nos lembrar dele em nosso caminhar de gratidão e compromisso. Em primeiro lugar, não podemos nos esquecer de que, embora não seja do mundo, a Igreja está no mundo (Jo 17,11-14) e, por isso, é afetada pelas transformações pelas quais o mundo passa. É verdade que nosso coração precisa sempre estar voltado para o alto, mas é igualmente verdade que nem por isso devemos retirar nossos pés do chão da realidade. As inúmeras transformações vivenciadas nesses oitenta anos mostram como a Igreja, embora estabelecida sobre fundamentos imutáveis, para ser fiel a esses fundamentos, vive em constante diálogo com os tempos. Ela busca contínua fidelidade ao Evangelho em meio às mudanças históricas, assumindo o desafio de evangelizar um mundo em contínua transformação.

#### **Olhar para os desafios de nosso tempo**

5. Dentre as características importantes para o cumprimento da missão evangelizadora nesse período em que nossa Diocese foi criada, destacamos o planejamento pastoral. Impulsionada pelo Papa João XXIII, a Igreja no Brasil viu-se diante da necessidade de entender a realidade de então, isto é, da década de 1960 e responder com algumas atitudes pastorais prioritárias. Foi então que surgiu o conhecido Plano de Emergência da Igreja no Brasil. Desde então, nunca mais se deixou de planejar a pastoral, fugindo de uma espécie de espontaneísmo, ou seja, de fazer o que bem se entende, sem efetiva conexão com os desafios do momento.
6. Assim, portanto, como agradecemos aos que nos precederam, nós nos comprometemos a fazer a nossa parte, vivendo a missão evangelizadora em nossos dias, para que as futuras gerações recebam de nós, como nos lembrou o Papa Francisco, a “alegria do Evangelho”. É, pois, com esse espírito de gratidão e compromisso, que, celebrando os 80 anos de nossa Diocese, nós nos propomos a discernir caminhos comuns para nossa ação evangelizadora.
7. É verdade que planejar dá trabalho, traz novidades para as quais não estamos acostumados, mexe com situações de acomodação e atinge preferências e gostos individuais. Sabemos que algumas vezes planejamos, mas não cumprimos,

deixando tudo apenas no papel. Por vezes, nem todos aderem ao que foi planejado, tornando-se indiferentes. Portanto, planejar a ação evangelizadora é sempre um desafio. Nem por isso, entretanto, devemos nos isentar da responsabilidade de planejar e, mais ainda, de seguir o que vier a ser discernido.

8. O importante é que, no discernimento, se ouça o que o Espírito Santo tem a dizer para a Igreja, pois o mesmo Espírito que impulsionou quem nos precedeu pede agora nossa acolhida para que faça a mesma maravilha da evangelização em nosso tempo. Planejar, portanto, é um ato profundamente espiritual e assim deve ser vivenciado. É um tempo de intensa escuta do que o Espírito Santo está falando a nós (Apoc 3,6), uma escuta pessoal e comunitária, uma escuta que envolve toda pessoa que, pelo batismo, ama o Evangelho e deseja que outras pessoas conheçam Jesus Cristo e a Boa Nova do Reino de Deus.
9. Na necessidade de sermos realistas, precisamos reconhecer que as mudanças pelas quais o mundo passou afetaram o modo de viver a religião de um modo geral. No Brasil, vimos decrescer o número de católicos e os valores cristãos serem deixados de lado, como, por exemplo, a defesa da vida em todas as suas instâncias. Temos visto a religião ser vivida como fonte de lucro e outras situações que preocupam. Ultimamente, temos ouvido muita gente dizer que o número de católicos está baixando no Brasil, pois assim indicaram os Censos de 2000 e 2010. Ocorre, porém, que não temos ainda o resultado do censo de 2022, no que diz respeito ao aspecto religioso <sup>1</sup>. Não sabemos se o número de católicos subiu ou baixou. Quando, por exemplo, olhamos nossas igrejas e as vemos cheias, ficamos inseguros se essa é ou não mais uma daquelas “*fake-news*”, que só causam mal a todo mundo. Já agora, porém, mesmo sem os resultados do Censo 2022, um cuidado precisa ser tomado.
10. O cuidado é o de restringir a missão evangelizadora a quem está dentro de nossas igrejas e, com isso, tranquilizar a consciência. Por certo, é bom ter as igrejas cheias, as pastorais acontecendo e os movimentos realizando seus encontros. Porém, é preciso lembrar a atitude de Jesus nas vezes em que tentaram, na melhor das intenções, impedi-Lo de continuar a missão (Lc 4,43-44; Mt 16,23-24). Ele, ao contrário da compreensão dos discípulos, seguia em frente e ensinava os discípulos a também seguirem.
11. É claro que a primeira motivação da missão evangelizadora não deve ser buscada nos números do censo ou em qualquer outra pesquisa. A missão é motivada pelo mandato do Senhor Jesus: ide e anunciai o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15). A missão evangelizadora permanece. Mudam, porém, os métodos e as prioridades de acordo com o tempo e o lugar. Nem mesmo nos períodos de maior perseguição na história do cristianismo, a missão deixou de acontecer. Ao contrário, aqueles foram

---

<sup>1</sup> Se ao longo do ano, em que celebraremos os 80 anos de nossa Diocese, recebermos os resultados religiosos do Censo 2022, vamos juntos refletir sobre eles.

períodos missionários muito férteis, gerando santos que hoje veneramos com carinho.

12. Mantém-se o mesmo Evangelho, mudando, todavia, o jeito de evangelizar. Isso implica reconhecer que as transformações pelas quais o mundo e a Igreja passaram nos últimos oitenta anos não nos permitem simplesmente repetir o que nossos antepassados fizeram do modo como fizeram, pois, nunca é demais insistir: o mundo mudou. Devemos imitar nossos antepassados na garra, na coragem, na firmeza com que deram início à nossa querida Diocese. No entanto, devemos, com o mesmo ardor, buscar caminhos evangelizadores para falar com uma parte do Brasil o qual, ao que tudo indica, não vive mais o mesmo catolicismo de oitenta anos atrás.
13. Interessante considerar que nossa diocese tem a alegria de contar com S. Pedro de Alcântara como seu padroeiro. Ele viveu em um período mais ou menos parecido com o nosso. O mundo estava vivenciando grandes transformações. De sua vida, que conhecemos bem, importa destacar a capacidade que teve para, respondendo ao amor de Deus, deixar-se transformar por Ele. Deixou o estudo do direito para se tornar frade. Deixou a Espanha para, em Portugal, se tornar frade. Ajudou na reformulação de conventos. Que ele nos ajude na tarefa de responder aos desafios do mundo de hoje à luz do Evangelho.

#### **Quatro características da missão evangelizadora hoje**

14. Em tudo isso, alguns aspectos devem estar nos primeiros lugares de nossa preocupação evangelizadora. Eles podem ser resumidos em quatro palavras: *anúncio, proximidade, comunhão e envolvimento*. Em cada uma delas, aparece um aspecto que deve marcar a ação evangelizadora em nossos dias, abrangendo todos os agentes evangelizadores, independentemente de qualquer outra condição. Paróquias, associações, pastorais, movimentos, vida consagrada, novas comunidades, escolas e outras formas de viver e anunciar o Evangelho são convidadas a viver esses quatro aspectos como referência. Para todas elas, a base é o novo e eterno mandamento: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (Mt 22,37-39).

#### **Anúncio**

15. A Igreja existe para anunciar a Boa Nova do Reino de Deus. Sua vocação é apresentar Jesus e o mandamento do amor. Esse anúncio é incessante e incansável. Nunca pode parar. Uma comunidade cristã que não anuncie Jesus Cristo é infiel ao seu Senhor. Pode até estar trabalhando muito, mas está trabalhando errado, pois a finalidade maior já não existe mais. Pode estar cuidando dos seus, mas se

esquecendo de que existem muitos outros, lá fora, para quem o anúncio de Jesus Cristo e do Reino de Deus não chegou.

16. Esse anúncio acontece pelo testemunho pessoal e por uma pastoral organizada e missionária. Sem o testemunho pessoal, toda a pastoral torna-se prejudicada. Quando falamos de evangelização, um mal testemunho é capaz de derrubar grandes e complexos planejamentos. Se, portanto, precisamos e devemos planejar a ação evangelizadora, nem por isso, devemos nos esquecer do testemunho pessoal. Essa, aliás, é a metas dos Jubileus, como o vivido em 2025: rever a vida, transformar a realidade, melhorar o testemunho pessoal.
17. Com base no testemunho pessoal, somos atualmente convidados a pensar a ação evangelizadora em um perfil bem mais missionário que em outros tempos. Houve tempos em que a ação evangelizadora era marcada pelo que chamamos de *igreja do vir*. A imagem mais significativa desse jeito de ser é a da igreja prédio com portas abertas, esperando que as pessoas cheguem. Em nossos dias, pessoas chegam, é verdade. A maioria, porém, já não chega mais. Quando uma pessoa chega, é para um ou outro momento bem específico, em geral ligado a um serviço que só a igreja pode prestar.
18. Atualmente, precisamos inverter a direção, tornando-nos uma *igreja do ir*, uma igreja que, à semelhança de Jesus, que sequer tinha onde reclinar a cabeça (Lc 9,58), vai ao encontro das pessoas, apresentando-lhes a Boa Nova da Salvação, testemunhando-lhes o amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, pela força do Espírito Santo. Uma igreja que não teme, como indicou o Papa Francisco, se deixar sujar pela poeira das estradas, porque está a caminho. Deve temer ficar doente por se fechar em si mesma <sup>2</sup>. Não basta mais à Igreja apenas dizer que é missionária. Ela precisa se mostrar missionária. Ela precisa ter atitudes, marcadamente, missionárias. Não basta mais à Igreja arrumar-se e aguardar que as pessoas venham. A Igreja precisa sair em busca das ovelhas perdidas, desgarradas (Lc 15,4).
19. Para isso, várias experiências têm sido feitas. A mais usual é a das visitas missionárias, ocorridas em um período específico, em uma área específica. Nossa Diocese possui algumas dessas experiências e com resultados muito bons. Importa que sejam dinamizadas e ampliadas. Outra experiência tem sido a de perceber que existem situações ou regiões onde a Igreja ainda não chegou. Com o crescimento das cidades, mesmo das cidades de porte médio e pequeno, como são as da nossa Diocese, a chegada de novas pessoas acontece e a Igreja precisa estar presente e atuante. É necessário olhar o mapa paroquial e ver onde não há uma capela, um local de celebração ou de oração. É necessário, mais do que apenas implantar um desses locais, encontrar formas criativas para seu uso. Machuca muito ver igrejas bem construídas, bonitas, porém fechadas. Uma igreja-prédio tem que estar aberta

---

<sup>2</sup> PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, N. 49

o máximo do tempo, com diversas atividades. Qual comunidade, por exemplo, não consegue rezar o terço e ler o Evangelho do dia? Só isso, diariamente, já será um passo a mais no anúncio do Evangelho. Igrejas abertas representam o coração de Jesus a dizer “Vinde a mim vós que carregais o fardo e eu vos aliviarei!” (Mt 11,28). Essas e muitas outras experiências podem ser concretizadas como expressão de nosso compromisso e, agradecidamente, por continuar o que nossos antepassados fizeram. Agora é a nossa vez!

20. O importante é não nos esquecermos de que a paróquia não se restringe ao prédio da igreja-matriz nem às capelas. Quando falamos em paróquia, devemos pensar em todo o território, com tudo aquilo que nele existe: hospitais e escolas, moradores em situação de rua e moradias frágeis, condomínios e apartamentos, comércio e fábricas etc. Quer queiramos ou não, somos responsáveis pelo anúncio do Evangelho a todas as pessoas, nunca apenas às que vêm às nossas igrejas.
21. Um aspecto importante no anúncio é que ele precisa estar diretamente ligado ao núcleo da Boa Nova da Salvação, ou seja, que “Deus é Amor. Ele nos amou primeiro. Quem permanece no amor, permanece em Deus, e Deus permanece nele” (1 Jo 4,16). Tudo mais, todo ensinamento, toda pregação, toda atitude, tudo enfim deve partir desse amor e levar a esse amor. Ter fé é amar a esse Deus que nos ama gratuita e, portanto, infinitamente. Deus não se fechou, digamos assim, no conforto de sua perfeição celeste, mas veio ficar entre nós (Jo 1,14), conviver conosco em nossa fragilidade, em nosso pecado, amando-nos até o extremo (Jo 13,1). O Deus-Amor é um Deus próximo.

### **Proximidade**

22. Na medida, portanto, que o amor só se concretiza quando vivenciado, é preciso estar junto às pessoas, convivendo, na proximidade, vivendo a amizade, o acolhimento, a escuta. Não nos esqueçamos de que o primeiro passo no jeito de Jesus evangelizar sempre foi o de estar perto das pessoas, conhecendo-as, convivendo com elas e as escutando. Quantas vezes Jesus escutou as pessoas! Em seu jeito de evangelizar, São Paulo nunca deixou de estar próximo. Suas duas atitudes, visitar e escrever, foram o modo como S. Paulo encontrou para viver a proximidade.
23. Em seu pontificado, o Papa Francisco usou duas imagens muito significativas: o muro e a ponte. Enquanto o muro separa, segrega, divide e afasta; a ponte une, integra, permite convivência e, fruto dessa convivência, muita coisa boa acontece. Dessas coisas boas, a mais importante, bem sabemos, é o anúncio do Evangelho e a conversão. Por isso, uma das grandes preocupações de nosso tempo, é a de ultrapassar os muros, derrubá-los mesmo e construir pontes, sendo uma Igreja cada vez mais próxima das pessoas. Uma Igreja próxima é uma Igreja que convive, escuta e, por isso, conhece. É uma Igreja que sabe quais são as alegrias e as dores das pessoas, em especial das que estão afastadas, das que nunca ouviram falar do

amor de Deus e das que, tendo até ouvido falar desse amor, dele se esqueceram, afastando-se da vida em comunidade.

24. Proximidade exige algumas mudanças no jeito de ser. Uma dessas mudanças, nem sempre muito fácil de ser realizada, é a que diz respeito aos horários e ao acesso às informações. É claro que as secretarias paroquiais precisam ter horários para o atendimento. Não temos e nem precisamos de uma secretaria aberta 24 horas. Precisamos, isso sim, uma igreja disponível 24 horas. Com isso, algumas paróquias por esse Brasil afora têm procurado adaptar os horários de secretaria aos horários das pessoas, algumas vezes abrindo mais cedo, outras vezes fechando as secretarias mais tarde e outras vezes fazendo as duas coisas. Muitas paróquias têm serviços de acesso virtual, com e-mails fale-conosco e WhatsApp da secretaria. Algumas paróquias têm o hábito de reunir pessoas para de vez em quando lhes passar informações sobre a vida paroquial, de modo que essas mesmas pessoas, lá onde elas vivem, possam ser transmissoras das informações, facilitando o acesso e fortalecendo a proximidade.

### **Comunhão**

25. Nosso mundo, bem sabemos, vem se tornando cada vez mais plural. Para tudo na vida, existem vários jeitos de ser. Isso também ocorre no jeito de sermos católicos. Se tivermos paciência para observar a vida de nossas comunidades, veremos que existem muitos modos de viver a fé. E essa pluralidade é positiva, pois ninguém possui o monopólio do Espírito. Entendemos que uma pessoa, ao se identificar com um jeito de ser, acabe gostando tanto que já não entenda que se trata de um jeito de viver o mesmo Evangelho de Jesus Cristo. Não, porém, o único! Muitos dos problemas de convivência decorrem dessa dificuldade, ou seja, a de querer que todas as pessoas sejam do mesmo jeito que somos, não aceitando que somos diferentes, mas vivemos a mesma fé.
26. O problema a ser superado não está na diferença, mas na dificuldade em conviver com a diferença. Algumas vezes, essa dificuldade é tão grande que se torna impossibilidade, surgindo então os conflitos e as divisões. Foi por isso que São Paulo perguntou aos coríntios se Cristo está dividido (1 Cor 1,11-13). Jesus alertou os apóstolos quanto ao fato de que ninguém possui o monopólio do Espírito (Mc 9,40). Com isso, o desafio para os católicos de nosso tempo, para nós que, agradecendo o trabalho de nossos antepassados, nos comprometemos a viver e anunciar o Evangelho em nossos dias, está especificamente na comunhão entre os diferentes. Somos diferentes e é bom que sejamos, mas não somos competidores nem muito menos inimigos. Todos os caminhos espirituais são bons, se vividos em comunhão.
27. Não nos esqueçamos de que somos *católicos*, uma palavra com a qual estamos tão acostumados a ponto de não considerarmos a origem e significado dela. Essa

palavra foi utilizada no século II por St. Inácio de Antioquia, em uma de suas cartas. Em grego, ela significa *universal*, abrangendo a totalidade da Igreja, distinguindo-a de grupos fechados em si mesmo, os quais identificamos como seitas, isto é, divisoras, separadoras. Independente de que palavra utilizemos, a exclusividade é da comunhão e toda divisão é pecaminosa, ainda mais quando vem com a ilusão de perfeição, pureza ou coisa parecida. Por isso, não podemos aceitar que um modo de viver a fé gere presunção de superioridade e, pior ainda, inimizade.

28. É claro que não vamos pensar que a comunhão nos deva levar a conviver com o pecado. Poderemos e deveremos estar próximos aos pecadores para os ajudar a superar o pecado e, como Jesus tanto repetiu, não pecar mais (Jo 5,14 e Jo 8,11). Jesus conviveu com pecadores, chamando, porém, todos à conversão. Nisso, ele se distinguiu dos grupos religiosos de seu tempo, que, achando-se melhor que os outros, fecharam-se em torno a si mesmo (Jo 8,33). Trata-se, portanto, de uma proximidade que, no amor e na verdade, ajuda na conversão.
29. Pensemos nas situações de divisão clara entre os cristãos ou nas situações em que intrigas, vaidades e outros pecados geram polarizações, confrontos e animosidades. Onde essas posturas existem, trata-se de ação do maligno, cuja identidade se caracteriza exatamente por dividir, separar, gerar confusão e atrapalhar a evangelização. Quem vai querer se aproximar de uma comunidade dividida? Quem vai sentir atração por uma comunidade onde predominam as contendas, as fofocas, as intrigas, as polarizações, os preconceitos e os julgamentos?
30. Não nos esqueçamos de que uma de nossas maiores referências é a Virgem Maria, invocada sob o título de Nossa Senhora do Amor Divino. Esse amor, nós bem sabemos é o amor de Deus que, exatamente por tanto amor, se fez um de nós em tudo, exceto no pecado. Quem ama quer ficar perto da pessoa amada, mesmo que a pessoa amada não mereça esse amor, como é o nosso caso, pois somos pecadores. Por isso, uma das formas mais concretas de ser devoto ou devota da Senhora do Amor Divino consiste em traduzir esse amor em presença, proximidade, comunhão com as outras pessoas, em especial as que estão mais distantes.

### **Envolvimento**

31. Uma igreja eminentemente missionária e de comunhão é uma Igreja que envolve todo mundo, ainda que nem sempre da mesma forma. O princípio é claro: toda pessoa batizada deve participar da missão da Igreja. Tudo mais decorre daqui. Os clérigos vão participar de um jeito e os leigos e leigas de outro. Todo mundo, entretanto, envolvido no testemunho e no anúncio explícito, claro, intenso do Evangelho. Isso acontece porque o primeiro sujeito da Evangelização é a Igreja inteira, concretizada em cada Igreja local, em cada diocese.

32. Ao celebrarmos os 80 anos da criação de nossa Diocese, somos chamados a pensar um pouco mais no que isso significa. Agradecemos aos bispos que por aqui passaram, aos padres, diáconos, religiosas e religiosos e, é claro, a todos os leigos e leigas. Incontável, por exemplo, o número de Catequistas, sempre com tanta generosidade e dedicação! O que dizer dos Ministros e Ministras da Comunhão, não se cansando de levar Jesus Eucarístico aos enfermos e impossibilitados de participar da missa? O que dizer dos diversos Acampamentos ou dos Festivais de Música, só para dar outros dois exemplos, com seus organizadores e equipes dedicadíssimas? Como não mencionar a Pastoral Vocacional, com todos os frutos recebidos? São, convém insistir, exemplos de uma riqueza que precisa ser sempre mais conhecida e ampliada.
33. De fato, cada pessoa batizada vive a sua vocação do modo como o Espírito Santo quer, do jeito como o Espírito Santo a conduz (At 8,26-40). Ao agradecer o trabalho feito, somos chamados a nos comprometer com o envolvimento efetivo de mais pessoas na ação evangelizadora, pois, se nunca foi assim, muito menos agora podemos pensar em católicos passivos, voltados apenas para si mesmos, a contemplar seus próprios feitos. A Igreja é comunhão de dons, carismas e serviços. Alguns carismas acontecem, ganham concretude servindo nas paróquias, parcela mais visível da diocese. Outros, pelo âmbito de atuação, se concretizam agindo em territórios para além de uma paróquia. O importante, repitamos, é que estejam em comunhão, uma comunhão que se dá exatamente em nível diocesano.
34. A diocese é o lugar onde comunhão e missão se integram e se concretizam. Ao redor da figura do bispo, os serviços vão se organizando, os carismas vão sendo descobertos e, em tudo isso, o Evangelho vai sendo vivido e anunciado. Paróquias, escolas, conventos, associações, comunidades e outras formas de associação encontram sua vitalidade quando unidas em torno da diocese. As tentativas de ações isoladas, voltadas apenas para si, não correspondem ao Evangelho, que é amor e comunhão. Também as dioceses estão, é claro, unidas ao Papa, prestando-lhe obediência e fidelidade. Estão unidas também nas Conferências Episcopais. No Brasil, atualmente existem 289 dioceses, organizadas em 19 Regionais. A Diocese de Petrópolis pertence ao Regional Leste 1, com onze circunscrições eclesiais. A comunhão também se manifesta na Província Eclesiástica, outra forma de organizar a Igreja. Petrópolis pertence à Província de Niterói, juntamente com as Dioceses de Campos e Nova Friburgo, além da Administração Apostólica São João Maria Vianey. Como se pode ver, são várias formas de comunhão, nunca de isolamento, de separação, de autossuficiência, de autorreferencialidade. Se internamente a diocese é o ponto de referência, também ela deve viver em comunhão com o Papa e com as demais dioceses. Podemos dizer que se trata de uma rede de comunhões.
35. Como sabemos, em nossa diocese, há muita riqueza evangelizadora. A tentativa de citar, ainda que algumas, incorrerá em injustiça, pois várias permanecerão de fora,

deixando a impressão de ingratidão. Por isso, uma pode ser escolhida como representante das demais. Trata-se do Seminário N. S. Amor Divino, nosso querido seminário. Foi um sonho, um desejo e um empenho de D. Manoel. Foi e tem sido a obra de muitas mãos e de muitos corações generosos, formando homens para o serviço sacerdotal. É muito significativo ver como nossos seminaristas estão inseridos na vida de nossa diocese, sempre disponíveis ao que se fizer necessário, não se furtando de mostrar a alegria de responderem ao chamado do Senhor. Por que, então, não continuar sonhando e, mais ainda, trabalhando para que o sonho se torne realidade? Como não continuar trabalhando intensamente pelas vocações? Como não seguir buscando os melhores caminhos para que os padres de nosso tempo correspondam evangelicamente aos desafios de nosso tempo?

36. Diante de tudo isso, como viver bem as celebrações dos 80 anos de nossa Diocese? Haverá uma programação preparada com todo carinho. Cada realidade local poderá completar essa programação com eventos próprios. O importante é que não sejam apenas eventos, deixando tudo como está. Precisamos sempre permanecer a caminho, avançando rumo às respostas evangélicas aos desafios do tempo presente. Por isso, para que as assembleias de 2025 aconteçam nos diversos níveis, paroquial, decanatos e diocesano, algumas perguntas são agora apresentadas:

- 1) Você conhece a história de nossa diocese? Conhece um pouco dos passos que foram dados? Além dos bispos que passaram por aqui, você conhece outras pessoas que deram muito de si para que nossa diocese chegasse até aqui? Quem você menciona e por que menciona?
- 2) Quais são os sinais de proximidade que você percebe em nosso jeito de ser Igreja? E onde precisamos melhorar para sermos uma Igreja mais próxima da vida das pessoas?
- 3) Quais são os sinais de que, em nosso jeito de viver e anunciar a fé, apresentamos o Deus-Amor? O que fazer para que esse jeito cresça ainda mais?
- 4) Quais são os sinais de que somos uma Igreja com diversos modos de viver a fé? Você enxerga dificuldades na vivência da comunhão entre os diversos jeitos de viver a fé em nossa Diocese? O que fazer para superar essas dificuldades?
- 5) Quais são os sinais de que nossa igreja é efetivamente missionária? E em que ela precisa amadurecer para ser mais missionária?
- 6) Olhando a programação sugerida para 2026, em vista da celebração dos 80 anos de nossa Diocese, que sugestões você apresenta? Que outros modos de celebrar podem ser acrescentados?

## Sempre a partir da escuta do Espírito Santo

37. Para que a celebração dos 80 anos de nossa diocese seja vivenciada em gratidão e compromisso, importa ouvir atentamente o Espírito Santo, implorando sua presença entre nós. Que Ele nos ajude a olhar o passado com compreensão e gratidão. Que Ele nos ajude a nos comprometermos com a parcela que nos cabe na missão evangelizadora do presente. Para isso, ao longo de todo o período de celebração dos 80 anos, vamos rezar juntos a oração que o Papa Paulo VI fez ao Espírito Santo:

